

BREVE REFLEXÃO SOBRE INDISCIPLINA: DISCUSSÃO DE UM CASO

Ana Lucia da Silva Santana¹, Katia Christian Santos da Silva², Maria Jose Vilarinho³, Marisa de Souza Inhã³, Silvanete da Silva Santana de Freitas⁴

Resumo: Este trabalho discute sobre o bullying, que tem sido um tema relevante atualmente e que, muitas vezes, tem sido confundido com indisciplina, devido aos comportamentos apresentados pelos alunos vítimas do mesmo. Discute sobre a importância da observação da criança no contexto escolar, abordando também o papel da família na interação da criança com a escola. Pretende-se também fazer pequenas colocações sobre um fato que ocorreu na cidade de Ilha Solteira, relatando o caso, onde um aluno, que em um primeiro olhar poderia ser diagnosticado com problemas de indisciplina, estava, na verdade, sendo vítima *de bullying*.

Palavras chave: Família, criança, professores, *bullying*.

Abstract: This paper discusses the *bullying* that has been a topic very relevant today and that has often been confused with lack of discipline due to the behavior displayed by students injured in the same. Discuss the importance of observing the child in the school context while also addressing the role of families in the child's interaction with the school. Another aim is to make small placements on a case that occurred in the City of Single Island, reporting the case where a student who at first glance could be diagnosed with problems of discipline, was actually the victim of bullying.

Keywords: Family, children, teachers, bullying.

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, costuma-se falar que os alunos são indisciplinados, não querem aprender, não se interessam por nada, porém não se pode generalizar e dizer que todas as crianças são iguais.

No que diz respeito ao ambiente escolar:

Entre as reclamações mais constantes que os professores fazem em relação ao dia a dia de seu trabalho, a mais frequente é sobre a indisciplina na escola. Muitos docentes chegam até a afirmar que o problema da indisciplina na sala de aula está inviabilizando o seu trabalho. (PLACCO, 2004, p.167).

Sobre a indisciplina:

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. (AQUINO, 1996, p.84).

Abordando a questão da localidade onde se vive, pode-se citar, por exemplo, o Brasil, onde os povos indígenas possuem costumes diferentes de quem vive em grandes centros urbanos. Em um país de grandes extensões territoriais, diferentes culturas e conceitos. Existem muitas diferenças entre a maneira de pensar e ser das pessoas, diferentes raças, culturas, religiões, hábitos alimentares. E esta diferença na maneira de ser e pensar pode contribuir para uma violência velada que tem sido frequente, principalmente no ambiente escolar, o *bullying*, que, de acordo com Chalita (2008, p.81), é o termo utilizado por educadores para denominar os atos maldosos como apelidos ou qualquer forma de hostilidade com os colegas.

O tempo também colabora na mudança de normas, pois, se em 1970 um professor fosse questionado pelo diretor sobre o motivo pelo qual certo aluno possui um determinado comportamento, com certeza receberia a resposta de que o aluno seria indisciplinado e precisaria de castigos e mais rigorosidade na educação. Hoje, porém, a sociedade evoluiu, modificando seu modo de pensar e de agir e esse aspecto fez com que grandes mudanças ocorressem, sendo refletidas também na educação. Sendo assim, nas questões que envolvem o processo educacional, o assunto é abordado de outra maneira nos dias atuais.

O que tem ocorrido: algumas pessoas possuem dificuldade de adaptação às normas de convivência, sendo chamados de indisciplinados e este fato tem sido refletido em sua vida social e também no ambiente escolar.

Cabe lembrar que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB9394/96) cita, no art.1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996)

Cada dia que passa, os pais possuem menos tempo disponível para ficar em casa com seus filhos e a educação dos mesmos tem sido deixada cada vez mais nas mãos de terceiros (babás, creches, escolas, tias, avós), que, muitas vezes, nem fazem parte da família e Ricotta (1990) confirma que isso interfere na aprendizagem, pois:

Os problemas mais observados no ambiente familiar e que podem interferir na aprendizagem são: separação dos pais e formação de novas famílias; morte ou doença grave; superproteção (filho único); situação de abandono por necessidade de trabalho dos pais; interferência de outros familiares (principalmente avós) na educação dos filhos, entre outros. (p. 42)

Com essa educação recebida de outras pessoas, a criança não apreende os valores mais importantes passados pelos seus pais, aqueles valores que os acompanham para o resto da vida, os princípios éticos vivenciados no dia a dia e tudo isso acaba sendo refletido diretamente nas atitudes que a criança tomará pelo resto de sua vida. No que diz respeito à convivência familiar, Chinen afirma que “Na sociedade de hoje o relacionamento habitual entre pai e filho é a distância ou a ausência.” (1998, p. 25).

Mesmo quando estão em casa, pais e filhos ficam afastados realizando diferentes atividades, cada um assiste a um programa de TV diferente, outros ficam no videogame, no computador, e essa “modernidade” também vem afetando a convivência familiar. Infelizmente, tem sido cada vez mais raro ver os pais e filhos realizarem atividades em família como uma simples refeição. Chinen afirma ainda que: “Preocupados com o trabalho, os pais passam pouco tempo com os seus filhos e se distanciam da emoção. Os filhos sentem a falta dos pais e em geral só admitem a profundidade de seus anseios na meia idade.” (1998, p.25)

A base familiar tem sido abalada, ninguém tem tempo para ouvir um filho, conversar sobre como foi seu dia e saber se o mesmo está com problemas. Muitas vezes, acham que, comprando presentes e brinquedos, é o suficiente para suprir todas as necessidades da criança, e o que deveria ser oferecido seria: atenção, carinho, brincar, ouvir seus problemas por mais insignificantes que sejam.

Os pais possuem um sentimento de abandono em relação ao pouco tempo dedicado aos filhos, sendo que, possuem dificuldade em impor “limites” ou dizer “não”, imaginando que isto pode causar traumas na criança. Através de experiência vivida com filhos, pode-se citar que a criança que convive mais com familiares torna-se mais segura e tranquila, sabe expressar suas vontades, sendo clara na maneira que expõe suas ideias.

Enfocando o contexto escolar, a indisciplina tem sido uma reclamação constante de todos os envolvidos na instituição educacional. Existem muitos relatos de funcionários que sofreram agressões, professores afastados por apresentarem quadros de Depressão, ou por terem adquirido Síndrome do Pânico. Infelizmente, o que vem ocorrendo, hoje, é que existem profissionais que possuem pavor ao ouvir a palavra “aluno” e deixam de trabalhar na área da educação.

No que diz respeito à indisciplina:

A problemática não é nova, porém, nos dias atuais, está ganhando uma nova dimensão até então não vivenciada na escola. Percebemos que muitos professores acabam até desencadeando um processo de estresse, tamanha a dificuldade que têm para conviver, administrar e criar alternativas de intervenção que possam ajudá-los a contornar situações dilemáticas com os alunos indisciplinados. (PLACCO, 2004, p.167)

Como os alunos hoje são mais observadores e críticos, eles não aceitam apenas receber regras prontas e cumpri-las e, com isso, têm ocorrido muitos conflitos nos diversos segmentos da sociedade em que convivem, ressaltando que o comportamento dos filhos em relação ao respeito e admiração que tinham com os pais não existe mais e que o professor deixou de ter um papel de mestre como era visto antigamente.

MATERIAIS E MÉTODOS

A obtenção de dados para a realização do presente trabalho foi através do relato do fato ocorrido com uma criança de 09 anos, sexo masculino, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental (4ª série).

A família da criança era composta de pai, mãe e filho. A avó materna morava no mesmo quintal, porém, em casa separada. Pai, mãe e avó não possuem vícios nem apresentam dificuldades financeiras e não existiam agressões no ambiente familiar. Os pais trabalhavam durante o dia e a criança ficava com a avó no período em que não estudava.

O sujeito do relato do caso tinha na época, altura na média dos alunos da mesma faixa etária, peso considerado normal para sua estatura, alfabetizado, gostava de jogar videogame, assistir a desenhos infantis, brincar de jogar bola com os primos e era leitor assíduo de gibis e livros infantis.

As informações sobre o caso foram coletadas diretamente com a mãe, sendo anotados os detalhes sobre a criança e sobre as providências para resolver o problema. A mãe da criança é uma das autoras deste trabalho e contribuiu espontaneamente para enriquecer o conteúdo do mesmo.

DESCRIÇÃO DO CASO

A criança começou a apresentar na escola comportamentos de indisciplina, sendo que se dirigia aos professores em tom de agressividade, era intolerante com os colegas apresentava dificuldade para desenvolver atividades em sala de aula. Sua professora tinha a impressão de que a criança estava com algum problema e, por isto, aparentava estar preguiçosa e desinteressada, e então, insistia na tentativa de despertar o interesse daquele aluno para realizar as atividades propostas e aprender.

Com o passar do tempo, observou-se que o aluno não tinha interesse também nas atividades fora da sala, inclusive nas aulas de educação física.

Em reunião com os coordenadores da escola, ficou decidido que a mãe seria chamada para fornecer informações complementares sobre o filho. Ao comparecer na escola, a mãe do aluno foi informada sobre o que estava ocorrendo com a criança no ambiente escolar.

Durante a conversa, a mãe relatou que queria mesmo falar sobre seu filho, pois o mesmo estava sendo hostilizado pelos colegas que lhe colocavam apelidos, principalmente durante as aulas de educação física, quando os colegas o chutavam e diziam que pensavam que ele fosse a bola. E foi observado que, em casa, seu comportamento também estava alterado. A criança apresentava-se chorosa e nervosa, não tinha vontade de brincar e não estava se alimentando direito por querer emagrecer a qualquer custo.

A coordenadora pedagógica agradeceu a presença da mãe na escola e contou que já havia sido constatado na mesma que os alunos estavam realmente tendo comportamentos que eram desaprovados pela direção em relação aos colegas, dividindo-os como “pobres”, “fedidos”, ”gordos”, ”magros”, ”quatro olhos”, e que

providências já estavam sendo tomadas sobre o caso. Disse para a mãe que isso tinha um nome: *bullying*.

DISCUSSÃO DO CASO

De acordo com Chalita:

A palavra *bullying* é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano. É o termo que designa o hábito de usar superioridade física para intimidar, tiranizar, amedrontar e humilhar outra pessoa. A terminologia é adotada por educadores, em vários países, para definir o uso de apelidos maldosos e toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros.

O fenômeno *bullying* não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e de jovens, em escolas de países e culturas diferentes. (CHALITA, 2008, p.81)

A criança quando sofre algum tipo de trauma, afeta todo o seu comportamento, com os pais, familiares, colegas, ambiente escolar; pois ela reproduz tudo o que lhe é passado. Após descobrir o problema em questão, o trabalho psicológico com a criança precisa ser realizado logo, a fim de minimizar os danos causados pela agressão. Continuando com Chalita:

Nas escolas é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado e confundido com agressão e indisciplina. Exige observação atenta e presença constante, pois, normalmente, as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão. Estratégia que contribui para que a vítima seja desacreditada. (CHALITA, 2008, p.81)

Como afirma Chalita:

Ou que a ação desencoraje a vítima a falar da dor a outrem, ou que se passe muito tempo até que alguém perceba. Tempo suficiente para registrar a dor da agressão vivida, o medo, para abalar a autoestima, os processos de aprendizagem, e a construção/afirmação da identidade. (CHALITA, 2008, p.81)

Retornando ao caso, a partir desta data, na escola, foi realizado um trabalho muito interessante para corrigir a maneira que os colegas se relacionam, não sendo tolerados, apelidos, hostilidade e qualquer tipo de preconceito, fazendo que os

professores fossem mais atentos às atitudes dos alunos, mobilizando também todos aqueles que fazem parte do contexto escolar.

Antunes (1999, p. 95) cita que conflitos familiares representam importante fator de desajuste e indisciplina na vida do aluno e pode-se então, acrescentar a importância da presença dos pais na escola para que possam colaborar nas discussões e possíveis soluções dos problemas referentes ao filho (aluno em questão).

Ainda com Antunes (1999):

Praticamente todas as escolas do mundo ocidental valorizam a boa educação, a honestidade, o sucesso, a expressão verbal correta, o autodomínio e a postura de respeito pelo outro, e quando esses valores são praticados na casa do aluno, sua percepção de continuidade é bem mais significativa. (p. 95)

O autor afirma ainda que “Nesse sentido, alunos que provêm de lares com essas características vivem situações de conflitos menos intenso com normas escolares do que os oriundos de lares onde existem a prática da violência, o egocentrismo exacerbado, a vaidade ostensiva ou mesmo a agressão recíproca”. (p. 95).

Discorrendo sobre o caso da criança apresentada, no lar da mesma não existiam conflitos familiares, a família possuía uma estrutura organizada, sem problemas de moradia, sem problemas financeiros e com pais participantes do processo educativo dos filhos.

O autor continua: "Assim os alunos provenientes de lares com essa estrutura – que diga-se de passagem, não é atributo do nível de renda familiar – representam muitas vezes problemas disciplinares acentuados e necessitam de acompanhamento e orientação particularizados." (p. 95)

Muitos pais, independente da classe social não participam ativamente dos assuntos relacionados aos filhos, não costumam sequer comparecer nas reuniões de pais da escola. Geralmente, são essas crianças que mais precisam de atenção, pois, tendem a sentir-se rejeitadas, colocadas em segundo plano na vida dos pais e, por isso, costumam apresentar algum tipo de comportamento para chamar a atenção e despertar o interesse de seus genitores.

A família e a escola, por serem as primeiras unidades de contato contínuo, são também os primeiros contextos nos quais se desenvolvem padrões de socialização e problemas sociais. É fácil perceber que o abalo deste dois alicerces interfere diretamente na

estrutura pessoal de um indivíduo principalmente quando este está em formação. (RICOTTA, 1990, p.42)

Citando ainda o caso da criança em questão, poder-se-ia levantar várias suposições a respeito do possível problema apresentado.

- Problemas de indisciplina
- Dificuldade de aprendizagem
- Doença em pessoa da família
- Problema de separação dos pais
- Possível vítima de abuso sexual
- Possível vítima de violência em casa
- Problemas auditivos
- Problemas na visão
- Depressão infantil
- Baixa autoestima
- Possível vítima de *bullying*

Entre as outras hipóteses, pode-se destacar o *bullying*, pois, de acordo com Chalita, poderia confundir-se com indisciplina (2008, p.81):

É necessário que o professor preste atenção em seu aluno, tenha interesse pelo motivo da rebeldia, da agressividade, pois, geralmente, por trás deste comportamento, existe algum motivo que a criança não conta por medo, por vergonha ou quando tenta falar, ninguém acredita e investiga a situação .

E, quanto mais o tempo passa e demora a identificar o problema, mais a criança fica angustiada, problemática e outros distúrbios vão surgindo como, por exemplo, agressividade, alteração do sono, dificuldade de aprendizagem, mudanças de comportamento, a falta ou excesso de apetite, entre outros problemas que podem vir a se manifestar.

De acordo com Chalita:

Os danos internos começam lentamente a se manifestar com o surgimento das consequências externas, que vão se tornando visíveis a pais e educadores. A dor e a angústia vivenciadas solitariamente, destroem o encantamento pela escola e até pela vida. Do baixo rendimento escolar à resistência para ir à escola, os efeitos pioram na medida em que a intensidade e a regularidade das agressões vão evoluindo e se agravando. Os sintomas começam a se misturar com

um forte desejo de auto destruição, de momentos de explosão e de vingança. (CHALITA, 2008, p. 88)

Alguém precisa descobrir que a criança passa por problemas e o local onde passa a maior parte do seu dia é na escola ou com a família (pais, avós, tias e outros). Quanto à relação família e escola, Ricotta cita que “A atuação é unificada, com a participação de todos.” (1990, p.40)

O número de menores com problemas de comportamento tem aumentado significativamente, pois através do *bullying*, da rebeldia e indisciplina, eles tentam chamar a atenção das pessoas, como se fosse um pedido de socorro que não é atendido por ninguém e isso gera ainda mais problemas, pois, uma vítima pode se tornar um futuro agressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar o contexto educacional em nosso país, em que a educação não é prioridade, onde um preso tem maior valor de investimento em uma cadeia do que uma criança (aluno) para estudar. Faltam professores nas salas de aula em todo o país, pois, devido aos baixos salários e a violência, muitos desistem da profissão por não sentir prazer em fazê-lo ou até mesmo por medo.

Os professores são agredidos diariamente por seu alunos, seja verbalmente e até fisicamente e nada acontece. Os pais nem sequer comparecem a uma reunião da escola do filho, muitos nem sabem se o filho está realmente frequentando a escola, alegando falta de tempo, chegando ao ponto da justiça ter que intervir para que os pais cumpram seus deveres e tomem alguma atitude em relação aos seus filhos. Menores agredem, matam, sequestram, roubam, estupram e nada acontece com eles, se for comparar a pena que cumprem devido ao ato cometido. Isso ocorre, pois, desde pequenos. Os pais não impõem limites aos seus filhos, transferindo sua responsabilidade no ato de educar para a escola, fazendo com que a escola assuma mais uma função da qual ela não está tendo estrutura para realizar.

A situação encontra-se cada vez mais difícil e alguém precisa fazer algo para melhorá-la enquanto é tempo. Através da educação, pode-se mudar um país, mas como fazer alguma coisa se muitos profissionais da educação não acreditam que possam fazer a diferença.

Através do relato do caso em questão, pode-se observar que existem exceções e que, em algumas escolas, os profissionais preocupam-se com o bem estar dos alunos e com o seu aprendizado. Os profissionais da escola não receberam a mais por terem colaborado na resolução do problema do aluno, nem sequer são citados seus nomes neste relato, porém, cumpriram com seu papel de fazer algo mais por uma criança. Esta criança poderia continuar na indisciplina, devido ao ato de violência que vinha sofrendo, começar a cometer pequenas infrações como roubar, consumir drogas, cometer também atos violentos, entre outros, porém, vive como uma criança calma e feliz.

Esta criança será um problema a menos para a sociedade porque teve atenção e tratamento digno. Tratamento que, se todas as crianças deveriam ter e que todos os profissionais de educação pudessem oferecer, mas que nem sempre lhes são dados autonomia e suporte.

Faz-se necessário repensar a maneira que as crianças “problema” são tratadas dentro das instituições educacionais e deve-se começar esta ação logo, enquanto é tempo.

Cabe ao professor levantar questionamentos, fazer reflexões sobre os “alunos problemas”, não desanimar, pois o mesmo possui conhecimento teórico e que, na maioria das vezes, a escola é quem ajuda a família a resolver questões que não estão na compreensão dos pais.

Com este trabalho, espera-se ter colaborado para que o professor não fique na dúvida sobre aquele “aluno problema” que ninguém entende e que fica perturbando sua aula. Que o professor saiba que existem particularidades no comportamento humano que, para serem compreendidas, precisam ser estudadas a fundo.

O aluno não sabe como pedir ajuda para resolver seus problemas e exterioriza através de seu comportamento tudo o que acontece na sua vida. Sabe-se que, em uma sala com muitos alunos, fica difícil ter essa percepção, porém, o professor precisa ficar atento ao comportamento, nem que seja do aluno que mais incomoda na sala. É sabido que violência gera violência e isso tem se tornado um problema de grandes proporções em que a principal vítima tem sido quem passa maior parte do tempo com o aluno, ou seja, o professor. Cabe ressaltar que pais e professores têm papéis distintos na vida da criança e que é essencial que cada um cumpra o seu.

Tudo tende a melhorar quando a relação escola e família anda e permanece junta, pois, hoje, as crianças são inseridas muito cedo no ambiente escolar e é necessário que pais e professores atuem em parceria, cada um em seu papel: a escola de letrar e a

família de educar, mas que alguns princípios básicos sejam trabalhados em conjunto como o respeito pelo próximo, a vivência em sociedade e a valorização da vida, mostrando a eles o que se tem de bom e ruim e certo e errado e que se possui livre arbítrio para fazer suas próprias escolhas, porém as consequências serão sentidas por eles.

Torna-se necessário que escola e família se completem, não transferindo as responsabilidades, mas que se completem trabalhando em conjunto, a fim de que a criança tenha uma formação plena e integral, que a ajude a viver em sociedade, tornando-a cidadão crítico e responsável por seus atos e respeitado como ser humano, ajudando a construir pessoas de bem e que possam construir um país melhor.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *A dimensão de uma mudança: Atenção, criatividade, disciplina, distúrbio de aprendizagem, propostas e projetos*. Campinas, SP: Papyrus, 1999 (Coleção Papyrus Educação).

AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, SP: Summus, 1996.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, Ministério da Educação, 1996.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da Amizade - bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CHINEN, Allan B. *Além do Herói*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Simumus, 1998.

LÚRIA, A. R. *Pensamento e Linguagem – As últimas conferências de Lúria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza- *O Coordenador Pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

RICOTTA, Luiza Cristina de Azevedo. *Educação e desenvolvimento*. São Paulo, SP. Grupo Editorial Summus (Direitos reservados pela Editora ÁGORA), 1990.

¹ Estratégia Saúde da Família, Ilha Solteira, SP.

² EMEI Eva Costa de Souza, Ilha Solteira, SP.

³ EMEF Aparecida B.B Silva, Ilha Solteira, SP.

⁴ Escola Fernanda de Souza Bastos (APAE), Ilha Solteira, SP.